

EDUCAÇÃO PARA PESSOAS PORTADORAS DE NECESSIDADES ESPECIAIS

Autora: Maiara de Abreu Vieira¹

Orientador: Erinaldo Reinaldo Rodrigues²

RESUMO:

Este artigo está abordando a questão relacionada às pessoas portadoras de necessidades especiais que, ao longo da história, sofreram diversas discriminações na educação e que posteriormente, este quadro se reflete no mercado de trabalho. Mostra que a pessoa portadora de necessidades especiais tem suas habilidades ou mesmo sem adaptar as funções para este profissional portador de necessidades especiais. Apresenta ainda discussões sobre a inclusão social, visando sensibilizar as pessoas de um modo geral, a importância da inclusão de pessoas portadoras de necessidades especiais seja no ambiente escolar, quanto a qualquer outro lugar. Busca entender a deficiência, procuramos também definições que esclareça, bem como a funcionalidade e a participação social da pessoa com necessidades especiais, entendendo que suas restrições não são somente impostas pela condição física (alteração de estrutura e função do corpo biológico), mas os aspectos psicológicos, educacionais e sociais também determinam possibilidades e impedimentos de desenvolvimento de habilidades e de inclusão do aluno com necessidades especiais. Esclarecer que existem quadros que são estáveis e outros progressivos, àqueles que precisarão de atenção à saúde constante e que merecem cuidados específicos. Está associada à deficiência física e que nos remetem na busca e no estudo de alternativas que contribuem para eliminar as barreiras da aprendizagem. Por fim trabalharemos questões de organização escolar que promoverão o acolhimento e o desenvolvimento do aluno portador necessidades especiais na rede regular de ensino. Ainda trabalhamos o conceito da Tecnologia Assistiva especificando modalidades como: Material Escolar e Pedagógico Adaptado; Comunicação Aumentativa e Alternativa.

Palavras chaves: Educação. Trabalho. Habilidades. Profissional.

EDUCATION FOR PERSONS WITH DISABILITIES

¹ Aluna do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia com habilitação em gestão do trabalho pedagógico da Universidade Estadual do Piauí, Campus “Dona Maria Amélia Cavalcante” - Paulistana. E-mail: ma_iaraabreu91@hotmail.com.

² Professor do quadro provisório da Universidade Estadual do Piauí, Campus “Dona Maria Amélia Cavalcante” - Paulistana. Licenciado Pleno em Pedagogia e Especialista em Gestão Escolar. E-mail: nalldo_rodrigues@hotmail.com.

ABSTRAT:

This article is addressing the issue related to people with disabilities that, throughout history, have suffered various forms of discrimination in education and later, this framework is reflected in the labour market. Shows that the person has special needs your skills or even without adapting the functions for this professional carrier of special needs. It also has discursões on social inclusion, in order to raise awareness of the importance of the inclusion of people with disabilities is in the school environment, as for any other place. Seeking to understand the disability, we also definitions that clarify it, as well as the functionality and the social participation of people with special needs, understanding that its restrictions are not only imposed by physical condition (change of structure and function of biological body), but the psychological, educational and social aspects also determine possibilities and impediments of skills development and inclusion of students with special needs. Make it clear that there are frames that are stable and progressive, others to those who require constant health attention and care they deserve. Is associated with physical disability and that us back in the search and in the study of alternatives that contribute to eliminate the barriers of learning. Finally we will work issues of school organization that will promote student development and special needs in the regular network carrier. Still worked the concept of Assistive Technology by specifying modalities such as: School and pedagogical Material Adapted; Augmentative and alternative communication.

Key words: education. Work. Skills. Professional.

1. INTRODUÇÃO

Estamos vivendo num momento histórico. Vários segmentos sociais lutam pelo direito das Pessoas Portadoras de Necessidades Especiais. Embora já tenha conseguido grandes avanços no meio social.

O aspecto afetivo é um dos importantes elementos a se considerar quando se pretende compreender o processo de aprendizagem em pessoas portadoras de necessidades especiais. Com relação a sua definição sobre como trabalhar a educação para pessoas portadoras de necessidades, ou com relação aos seus limites , podemos encontrar termos que parecem corresponder a problemas de aprendizagem.

Diante disso, sabemos que os profissionais envolvidos diretamente com o ensino para pessoas portadoras de necessidades especiais e,consequentemente , com a questão da aprendizagem tem enfatizado que é preciso uma formação eficiente para esses profissionais ,para que haja condição necessária, em que esses profissionais venham trabalhar de maneira eficiente para o desenvolvimento

de nossas crianças e adolescentes. Pesquisas mostram que uma criança/adolescente que vive em um ambiente familiar equilibrado e que lhe oferece condições mínimas de experimentar e expressar suas emoções tem chances de lidar com maior segurança e tranquilidade com seus sentimentos e pode, dessa maneira trabalhar com seus sucessos e fracassos de forma mais adequada.

Diante disso, surge o seguinte problema porque as pessoas especiais não tem um atendimento educacional de qualidade na escola regular ? Por conseguinte trabalhamos com a argumentação. A falta de formação profissional é um dos fatores de maior relevância na falta de qualidade no Atendimento de Pessoas Portadoras de Necessidades Especiais na escola regular .

Tentar mostrar o quanto as pessoas portadoras de necessidades especiais são tão importantes quanto a qualquer ser humano. Na esperança de melhores atendimentos aos portadores de necessidades especiais, mais a maioria dessas pessoas não tem a oportunidade de aprender, de se desenvolverem por falta de bom atendimento, mas para que aconteça um bom atendimento, é preciso novas escolas especialmente para pessoas com deficiência . Tem como ênfase a noção da deficiência, a separação dos defeitos, e ressaltando a Educação Física, deve ser vista, compreendida e interpretada. Os caminhos são feitos pelas possibilidades e não pelas limitações.

Daí surge perguntas: como é ser pai e ser mãe de um garoto que não enxerga? como funciona a casa de uma família de deficiente auditivos? Como é uma vida de uma pessoa que tem deficiência mental? Essas perguntas podem nos levar a pensar sobre as dificuldades e conquistas dessas pessoas e pensar na possibilidade de concretização de seus direitos: soluções simples e concretas que possa está nas salas de aula, terem plena assistência a saúde, qualificação profissional, emprego, cultura, lazer, praticar esportes.

Buscar respostas para essas perguntas é um aprendizado, nem sempre é fácil: exige o desejo de conhecer, de se arriscar, de se desenvolver e agir. Buscar respostas e construir uma sociedade digna .

2. O PORTADOR DE NECESSIDADES ESPECIAIS E O INÍCIO DA INCLUSÃO

O portador de necessidades especiais é uma pessoa que existe, sente, pensa e cria, visto que possui direitos iguais. Tem uma limitação corporal ou mental que pode afetar aspectos de comportamento, aspectos estes, muitas vezes fortes e adaptativos, outras vezes fracos e pouco funcionais, que lhes dão um perfil peculiar. Aspira uma relação de verdade e de autenticidade e não coexistência conformista e irresponsável.

A inclusão teve o seu início na educação a partir do momento em que profissionais da área passaram a observar a potencialidade das pessoas com deficiência. Esse processo tem ocorrido de forma lenta, e as oportunidades educacionais tiveram o seu apogeu dentro das salas de aula, no momento em que professores perceberam algumas qualidades que esses alunos tinham, quando desenvolviam temas como: desenhos e trabalhos manuais o que permitiu a identificação de talentos natos.

a abordagem pedagógica para as crianças com deficiência múltipla na educação infantil enfatiza o direito de ser criança, poder brincar e viver experiências significativas de forma lúdica e informal. Assegura ainda o direito de ir a escola, aprender a construir o conhecimento de forma adequada e mais sistematizada, em companhia de outras crianças em sua comunidade. (MEC,2003,p.12)

Aos poucos os deficientes tornaram-se profissionais e a sociedade começou a perceber que certos preconceitos que “deficientes físicos”, por exemplo, eram originários de um modelo de perfeição de estética, alicerçado na Antiga Grécia. Não podemos afirmar que a deficiência esteja interligada ao cognitivo do indivíduo, pois a aparência física engana, e o fato de algumas deficiências terem um aprendizado letárgico, não implica em inutilidade para sociedade. Um exemplo, é quando o sono não tem vontade de sair.

2.1 PRECONCEITO NO MEIO FAMILIAR

As diversas formas de rejeição que os PNEs são vítimas somente agrava o problema de muitos, que poderia ser resolvido, ou pelo menos amenizado. A

rejeição começa nas famílias, com dificuldades dos pais em aceita-los, com suas necessidades.

Para proteger os filhos, alguns pais chegam a impedi-los de fazer o que desejam, inibindo sua criatividade e impedindo o seu desenvolvimento. No relacionamento com vizinhos ou pessoas estranhas, numerosos pais não conseguem evitar um sentimento de vergonha ao qual essas crianças são sensíveis, desenvolvendo nos filhos uma sensação de rejeição e insegurança. A melhor forma de atenuar os problemas dos PNEs é a sua integração.

O sentimento de inutilidade ou de encargo à família, além de travar a criatividade faz com que se sintam diferente. A preocupação dos pais, para que aceitem os filhos como são, reconhecendo suas limitações, é um fator de extrema importância.

2.2 FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA PNEs

Cada vez mais os professores devem saber lidar com problemas familiares e com o desenvolvimento infantil. A formação nesse âmbito é indispensável. (Vitor Fonseca diz: A formação dos professores tem de ser alicerçada numa informação coerente, numa experiência prática e numa procura científica, rigorosa e metodologicamente dimensionada.

Só dentro destas coordenadas pode nascer a compreensão das práticas educacionais e a superação dos tradicionais empirismos. Quanto aos custos para formar professores, ou auxiliá-los nas diferentes necessidades, temos conhecimento apenas de curso superior, também a nível de curso de extensão universitário.

2.3 INCLUSÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

Quando se fala em inclusão escolar, não se trata apenas de reunir os “diferentes”, proporcionando um ensino igual para todos, o que leva a uma tentativa de normalizá-los para que convivam numa mesma sala. Inclusão escolar, significa proporcionar a todos os alunos, o aprendizado de conviver com a diversidade.

Experiência essa faz parte de toda cultura, de qualquer sociedade. Não é possível apagar as diferenças..

A escola poderá acompanhar o ritmo da criança. Ela não se sentirá frustrada por não alcançar o mesmo desempenho que os outros. A maioria das escolas ainda que a escola não está preparada para proporcionar o reforço necessário à criança, e que os professores não estão capacitados pra lidar com crianças que tenham deficiência cognitiva de forma geral.

[...] é necessário que os professores conheçam a diversidade e a complexidade dos diferentes tipos de deficiência física, para definir estratégias de ensino que desenvolvam o potencial do aluno. De acordo com a limitação física apresentada é necessário utilizar recursos didáticos e equipamentos especiais para a sua educação buscando viabilizar a participação do aluno nas situações práticas vivenciadas no cotidiano escolar, para que o mesmo, com autonomia, possa otimizar sua potencialidade e transformar o ambiente em busca de uma melhor qualidade de vida .(BRASIL,2006,p.29)

Há alguns anos atrás os pais que tinham filhos deficientes ainda encontravam dificuldades em matriculá-los numa escola pública, pois não haviam professores qualificados para esta atividade educacional e mesmo quando uma criança era aceita no estabelecimento de ensino, os pais de outras crianças aparentemente perfeitas não aceitaram aquele “patinho feio”(criança com deficiência), relacionando-se com seu filho.

Para a sociedade somos a imagem e semelhança de Deus e em Deus não há nenhuma falha tanto física ou intelectual, foi com este argumento que os judeus condenavam as famílias por causa de um filho deficiente , dizendo que os pais eram os culpados e por causa deste pecado imortal resultou em um fruto amaldiçoado.

Esse breve histórico nos mostra que, a discriminação possui raízes muito antigas e de certa forma, as mudanças sociais ocorridas na linha do tempo ainda não conseguiram permitir um avanço na conscientização para superação de alguns conceitos como é o caso de uma observação entre a maioria das pessoas.

2.5 TECNOLOGIA ASSISTIVA – TA

Tecnologia assistiva é uma expressão utilizada para identificar todo o arsenal de recursos e serviços que contribuem para proporcionar habilidades funcionais de pessoas com deficiência e, conseqüentemente, promover vida independente e inclusão.

Então destacamos que a TA é composta de recursos e serviços. O recurso é o equipamento utilizado pelo aluno, que lhe permite ou favorece o desempenho de uma tarefa. O serviço de tecnologia assistiva na escola é aquele que buscará resolver os problemas funcionais do aluno, no espaço da escola, encontrando alternativas para que ele participe e atue positivamente nas várias atividades neste contexto.

Fazer TA na escola é buscar, com criatividade, uma alternativa para que o aluno realize o que deseja ou precisa. É encontrar uma estratégia para que ele possa fazer de outro jeito. É valorizar o seu jeito de fazer e aumentar suas capacidades de ação e interação a partir de suas habilidades. É conhecer e criar novas alternativas para a comunicação, escrita, mobilidade, leitura, brincadeiras, artes, utilização de materiais escolares e pedagógicos, exploração e produção de temas através do computador ,etc. É envolver o aluno ativamente, desafiando-se a experimentar e conhecer, permitindo que construa individual e coletivamente novos conhecimentos. É retirar do aluno o papel de espectador e atribuir-lhe a função de ator.

Para implementação desta prática (TA) no contexto educacional, necessitamos de criatividade e disposição de encontrarmos, junto com o aluno ,alternativas possíveis que visam vencer as barreiras que o impedem de estar incluído em todos os espaços e momentos da rotina escolar.

No desenvolvimento de sistemas educacionais inclusivos as ajudas técnicas e a tecnologia assistiva estão inseridas no contexto da educação brasileira, dirigida à promoção da inclusão de todos os alunos na escola. Portanto, o espaço escolar deve ser estruturado como aquele que oferece também as ajudas técnicas e os serviços da tecnologia assistiva.(Brasil,2006,p.19)

Quando se refere as ajudas técnicas, se refere portanto, ao sinônimo de tecnologia assistiva no que diz respeito aos recursos que promovem funcionalidade de pessoas com deficiência ou com incapacidades advindas do envelhecimento.

É importante lembrar que a legislação brasileira garante ao cidadão brasileiro com deficiência, ajudas técnicas, portanto, o professor especializado, sabendo desse direito do aluno, deve ajudá-lo a identificar quais são os recursos necessários para a sua educação, a fim de que ele possa recorrer ao poder público e obter esse benefício.

O decreto n 3.298 de 20 de dezembro 1999 cita quais são os recursos garantidos às pessoas especiais e entre eles encontramos:

Equipamentos, maquinarias e utensílios de trabalho especialmente desenhados ou adaptados para o uso por pessoas especiais; elementos de modalidade ,cuidado e higiene pessoal necessárias para facilitar a autonomia e a segurança da pessoa portadora de deficiência; elementos especiais para facilitar a comunicação, a informação e a sinalização para a pessoa com especial; equipamentos e material pedagógico especial para educação, capacitação e recreação da pessoa portadora de deficiência; adaptações ambientais e outras que garantem o acesso, a melhoria funcional e a autonomia pessoal.

O tema de implementação da (TA) na escola entende-se que o Atendimento Educacional Especializado será aquele que estruturará e disponibilizará o Serviço de TA os espaços para organização desse serviço serão as “Salas de Recursos Multifuncionais”.

Salas de recursos multifuncionais são espaço da escola onde se realiza o Atendimento Educacional Especializado para os alunos com necessidades educacionais especiais, por meio de desenvolvimento de estratégias e aprendizagem, centradas em um novo fazer pedagógico que favoreça a construção de conhecimentos pelos alunos, subsidiando-os para que desenvolvam o currículo e participem da vida escolar.(BRASIL,2006,p.13)

Nas salas de recursos multifuncionais, destinadas ao atendimento especializado na escola, é que o aluno experimentará várias opções de equipamentos, até encontrar o que é melhor se ajusta à sua condição e necessidade. Junto com o professor especializado aprenderá a utilizar o recurso, com o objetivo de aproveitar o máximo desta tecnologia. Após identificar que o aluno tem sucesso com a utilização do recurso de TA, o professor especializado deverá providenciar que este recurso seja transferido para a sala de aula ou permaneça com o aluno, como um material pessoal.

[...] as ajudas técnicas e a tecnologia assistiva constituem um campo de ação da educação especial que tem por finalidade atender o que é específico dos alunos com necessidades educacionais especiais, buscando recursos e estratégias que favoreçam seu processo de aprendizagem, habilitando-os funcionalmente na realização das tarefas escolares.

No processo educacional, poderão ser utilizadas nas salas de recursos tanto a tecnologia avançada, quanto os computadores e softwares específicos, como também recursos de baixa tecnologia, que podem ser obtidos ou confeccionados artesanalmente pelo professor, a partir de materiais que fazem parte do cotidiano escolar.(BRASIL,2006,p.19)

Os serviços da tecnologia assistiva são de característica multidisciplinar e devem e ser profundamente o usuário de várias áreas, já envolvidos no atendimento do aluno. Outros profissionais como os fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas e psicólogos poderão auxiliar os professores na busca da resolução de dificuldades do aluno com deficiência. Convênios com a secretaria da saúde e integração das equipes sempre serão bem-vindos. Uma outra forma interessante será o estabelecimento de contatos do professor especializado com os profissionais que já atendem seu aluno em instituições de reabilitação. Esses profissionais, que já conhecem o aluno, poderão compor com a escola a equipe TA.

Devemos conhecer o aluno, sua história, suas necessidades e desejos, bem como identificar quais são as necessidades do contexto escolar, incluindo seu professor, seus colegas, os desafios curriculares e as tarefas exigidas no âmbito coletivo da sala de aula e as possíveis barreiras encontradas que lhe impedem o acesso aos espaços da escola ou do conhecimento.

Diante disso, precisamos estabelecer metas a atingir e definir objetivos que, como equipe, pretendemos alcançar, para atender as expectativas do aluno e do contexto escolar. Além de observar o aluno, esta avaliação servirá para pesquisar as habilidades do aluno.

A tecnologia assistiva, segundo Bersch (2006,p.2) “deve ser entendida como um auxílio que promoverá a ampliação de uma habilidade funcional deficitária ou possibilitará a realização da função desejada e que se encontra impedida por circunstância de deficiência”. Assim, Atendimento Educacional Especializado pode fazer uso das seguintes modalidades da Tecnologia assistiva, visando à realização de tarefas acadêmicas e a adequação do espaço escolar.

A capacidade de muitas crianças com dificuldades significantes no desenvolvimento, na aquisição e no uso de linguagem; está comprometida pelas suas dificuldades na produção da fala. Para desenvolver a linguagem, utilizando modalidades que compensem a fala inexistente ou limitada. Isso não é o que ocorre com a maioria das crianças com alterações neuromotoras , onde a alteração de linguagem é uma das principais características.

O trabalho com os recursos de tecnologia assistiva, em especial a comunicação aumentativa e alternativa, ainda é pouco divulgado no Brasil e parece existir, por parte os profissionais e familiares, desconhecimento e insegurança a respeito de sua introdução e uso. É comum encontrar alunos com necessidades educacionais especiais, em especial os paralisados cerebrais, que são falantes não funcionais ou não falantes e isso justifica a necessidade de aprofundarmos o conhecimento . Essas pessoas são consideradas não-falantes em duas situações: quando apresentam um comportamento severo na fala por problemas físicos, neuromusculares, cognitivos ou déficits emocionais e não possuem prejuízos na audição; quando usam a fala independente como primeira forma de comunicação, porém não são compreendidos por outras pessoas que não são de convívio muito próximo. Nesse caso podemos incluir pessoas com prejuízos sensoriais.

2.5 O QUE É A CAA?

A Comunicação Aumentativa e Alternativa – CAA é uma das áreas da TA que atende pessoas sem fala ou escrita funcional ou em defasagem entre sua necessidade comunicativa e sua habilidade em falar/escrever. Busca, então, através da valorização de todas as formas expressivas do sujeito e da construção de recursos próprios desta metodologia, construir e ampliar sua via de expressão e compreensão. Recursos como as pranchas de comunicação, construídas com simbologia gráfica (desenhos representativos de ideias), letras ou palavras escritas, são utilizados pelo usuário da CAA para expressar seus questionamentos, desejos, sentimentos e entendimentos. A alta tecnologia nos permite também a utilização de vocalizadores(pranchas com produção de voz) ou do computador , com softwares específicos, garantindo grande eficiência na função comunicativa. Dessa forma, o aluno com deficiência, passa de uma situação de passividade para outra, a de ator

ou de sujeito do seu processo de desenvolvimento. (BERSCH e SCHIRMER,2005,p.89)

Portanto a CAA é uma área da prática clínica e educacional que se propõe a compensar a incapacidade ou deficiência do sujeito com distúrbio severo de comunicação. Tem como objetivo valorizar todos os sinais expressivos do sujeito, desde o estabelecimento de uma comunicação rápida e eficiente.

A CAA destina-se a sujeitos de todas as idades, que não possuem fala ou escrita funcional devido a disfunções variadas como por exemplo: deficiência mental, entre outras.

No passado pensava-se que um indivíduo não era candidato a um auxílio de comunicação porque já apresentava alguma fala ou porque poderia falar no futuro. Temia-se que se a pessoa aprendesse alguma forma alternativa de comunicação, motivação e as oportunidades para aprender a falar seriam diminuídas. Hoje se sabe que acontece exatamente o contrário, os sujeitos que usam a CAA e que desenvolvem a fala tornam-se falantes mais competentes.

Há vários motivos pelos quais a comunicação alternativa pode realmente melhorar as chances de uma pessoa desenvolver as habilidades de fala. Quando a fala é comprometida ou trabalhada isoladamente geralmente produz tensão. Para muitos indivíduos essa tensão diminui as chances de fala compreensível, e o resultado é o aumento da sua frustração. Quando o indivíduo usa o auxílio de CAA, sua fala torna-se mais relaxada e, por isso, melhor sucedida. (JOHNSON,1998,p.2)

Por exemplo, se pensamos em um aluno com paralisia cerebral do tipo espástica com uma disartria moderada em uma sala de aula. Quando a professora faz algum questionamento á turma e este aluno tenta responder, podemos ter uma fala, nesse momento, ininteligível. Essa é uma situação de grande tensão, que provavelmente elevará ainda mais seu tônus muscular, deixando-o rígido. Ao utilizarmos um recurso de apoio, como uma prancha com letras, onde o aluno possa escrever ao menos as primeiras letras do que está tentando falar, teremos uma comunicação mais eficiente e menos angustiante para todos.

Lembrando que uma lesão cerebral em área motora, não evolutiva e que afeta a criança no período que vai desde a concepção até o final da primeira infância. Com tônus muscular significa que dificulta a execução e coordenação dos movimentos. Dificuldades na articulação e na pronúncia das palavras.

Também temos que pensar que as crianças que necessitam de CAA tem alto risco de apresentar atraso no desenvolvimento da linguagem e necessitam de estímulos de linguagem de todos os modos possíveis.

Podemos afirmar que a CAA favorecerá pessoas de todas as idades e que necessitam de recursos/estratégias que ampliem ou desenvolvam sua habilidade de comunicação. A introdução a CAA deve acontecer sempre que houver um distanciamento entre a capacidade compreensiva e expressiva de um sujeito ou quando a possibilidade de se fazer entender é menor do que a de seus pares (pessoas da mesma idade), diminuindo assim as oportunidades de interação e relacionamentos deste indivíduo.

Os recursos dos sistemas de CAA podem ser organizados em recursos que não necessitam auxílio externo (sinais manuais, gestos, apontar, piscar de olhos, sorrir, vocalizar) . O usuário CAA sinalizará a mensagem que deseja expressar, apontando para o recurso externo que será organizado para ele (pranchas com símbolos, objetos, miniaturas), além de utilizar seus gestos, vocalizações e demais expressões particulares. Numa prancha de comunicação por exemplo, são colocados vários símbolos gráficos que representam mensagens. O vocabulário de símbolos deverá ser escolhido de acordo com as necessidades comunicativas de seu usuário e, portanto, as pranchas são personalizadas. A prancha de comunicação apresenta a vantagem de expor vários símbolos ao mesmo tempo. Uma forma muito comum de organizar este recurso é chamada de técnica por subdivisão e níveis. Por exemplo, é necessário um grande número de símbolos, a prancha pode dispor de subdivisões ou níveis. Ambas permitem que muitos símbolos estejam a disposição do usuário ao mesmo tempo em que apenas um número limitado por vez é apresentado.

A subdivisão é um sistema em que um símbolo se refere á outra página de símbolos ou a um recurso diferente.

Cada prancha deve ser feita do tamanho e formato necessários e na confecção, são utilizados materiais variados como folhas de papel, cartolina, isopor, madeira. Essa prancha pode ser feita a partir de uma página de álbum fotográfico ou pasta com sacos plásticos.

Além das pranchas personalizadas (pranchas de comunicação pessoal) existem outras para múltiplos usuários (ambientes escolares, turma, biblioteca, que acompanha livro ou jogo). Essas pranchas possibilitam um ambiente rico em

símbolos para todos que estão no local e podem ser utilizadas por mais de um usuário de CAA.

A CAA é o uso integrado de todos os recursos de comunicação que são organizados de forma personalizada. Por isso é chamado de sistema multimodal.

Esse sistema multimodal é aquele que utiliza e valoriza todas as formas expressivas do usuário como os gestos, expressão facial, vocalizar, apontar, entre outras possibilidades.

2.6 RECURSOS DE ACESSIBILIDADE AO COMPUTADOR

Os computadores são usados geralmente para atividades educacionais, de trabalho ou lazer e envolvem o uso da internet, jogos, e-mail ou escrita criativa.

Uma pessoa com deficiência, devido a sua limitação de mobilidade e comunicação, tende a usar mais o computador e, através dele, passa a ter acesso a lugares e conhecimentos de seu interesse. Para aqueles que possuem dificuldade de comunicação, o computador pode se tornar ferramenta de expressão quando utilizado para transmitir ideias, necessidades, sentimentos, etc.

O acesso ao computador depende de habilidades motoras. Quando a utilização do teclado ou mouse convencional for difícil devido ao prejuízo de movimentos, à diminuição da amplitude de movimentos e da força ou devido à fadiga, os métodos de acesso alternativos, como um teclado ou mouse especial poderão proporcionar ao aluno o comando do computador.

Algumas alternativas de acesso ao aluno:

Necessidade e interesse do aluno; Análise da atividade escolhida; Habilidades do aluno.

Primeiro é importante identificar a necessidade e interesse que o aluno tem em utilizar o computador. O que ele quer escrever ou comunicar, bem como o que motiva o aluno a usar o computador.

Depois faremos uma análise da atividade escolhida para identificar o que é necessário para realizá-la. Por exemplo: para jogar paciência (jogo de cartas) no computador é preciso uma maneira de controlar mais de uma função do mouse: o “clique” e o “arrastar”. É importante lembrar que as funções do mouse incluem: clique, duplo-clique, clique e preensão, arrastar a liberação do clique.

A terceira consideração é compreender as habilidades específicas do aluno. Por exemplo: uma pessoa que tem um movimento intencional e constante, porém possui uma amplitude articular limitada em suas mãos, pode se beneficiar com um mouse com uma esfera grande, que fica sobre o equipamento, que será mais fácil de ser utilizado do que um mouse convencional.

A escolha do método de acesso (convencional ou adaptado) irá depender das necessidades e das habilidades do aluno e da atividade a ser realizada. Existem muitos métodos diferentes de acesso que são atualmente disponíveis em hardware e software convencionais. Na escolha do método de acesso, é importante considerar exigências do sistema e a compatibilidade entre o programa e o computador.

O sucesso ou não do uso de um método de acesso comum aluno pode depender do posicionamento do aluno frente ao teclado, como a localização e posicionamento do teclado. Por exemplo: o teclado colocado em um ângulo inclinado poderá facilitar o enxergar ou o alcance das teclas. Outro fator a considerar é fazer uso das características do produto, para que este vá ao encontro das habilidades do aluno e nunca o contrário.

Para cada uma destas funções, as opções e recursos serão fornecidos com base nas habilidades do aluno. Como a tecnologia está em constante mudança, os respectivos sites da internet serão incluídos no texto para que o leitor possa obter informações detalhadas e atualizadas do assunto em questão. Alguns programas tem uma versão de demonstração que pode ser baixado gratuitamente.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste artigo, mostramos as diversas possibilidades de promover acesso do aluno portador de necessidade especiais ao conhecimento e ao ambiente escolar. É preciso saber que os recursos e os serviços apropriados ao aluno com necessidades especiais estão garantido por lei e devem ser exigido ao poder público.

As dificuldades encontradas no ambiente escolar não devem ser motivo de exclusão dos alunos portadores de necessidades especiais.

O Atendimento Educacional Especializado é garantia de inclusão e o professor especializado desempenha um importante papel quando atua de forma colaborativa

com o professor de classe comum para a definição de estratégias pedagógicas e disponibilização de recursos que favoreçam o acesso do aluno ao currículo comum, sua participação em todos os projetos e atividades pedagógicas e acesso físico aos aspectos da escola.

São os serviços das salas multifuncionais que preparam os materiais específicos; ensinam os alunos a utilizarem recursos de tecnologia assistiva como os materiais escolares e pedagógicos adaptados, comunicação alternativa, recursos de acessibilidade ao computador entre outros que são utilizados nas classes comuns do ensino regular.

Mostra que uma criança/adolescente que vive em um ambiente familiar equilibrado e que oferece condições mínimas de experimentar e expressar suas emoções tem chances de lidar com maior segurança e tranquilidade com seus sentimentos e pode, de maneira que possa trabalhar seus sucessos e fracassos de uma forma mais equilibrada.

Entender junto com as pessoas, que para a sociedade somos a imagem e semelhança de Deus e em Deus não há nenhuma falha tanto física ou intelectual, foi com este argumento que as famílias eram condenadas por causa de um filho portador de necessidades especiais, dizendo que os pais eram os culpados e por causa deste pecado imortal resultou em fruto amaldiçoado. Isso nos mostra que a discriminação possui raízes muito antigas e de certa forma, as mudanças sociais ocorridas ainda não permite um avanço na conscientização para superação de alguns conceitos como é o caso de uma observação entre a maioria das pessoas.

O direito a igualdade de oportunidades educacionais é o resultado da luta pelos direitos humanos, luta esta que implica a obrigação do estado em garantir gratuitamente unidades de ensino para todas as crianças, que portadoras de necessidades, ou não, de alguma deficiência. O portador de necessidades especiais é uma pessoa que existe, sente, pensa, e cria, sendo assim, tem os mesmos direitos.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

BERSCH, Rita e SCHIRMER, Carolina. **Tecnologia Assistiva no Processo Educacional**. IN. : ensaios Pedagógicos: Construindo Escolas Inclusivas. Brasília. MEC/SEESP, 2005.

BRASIL... **Saberes e Práticas da Inclusão: Dificuldades Acentuadas de Aprendizagem**: Deficiência Múltipla. 2. Ed. Ver. –Brasília: MEC/SEESP, 2003.

BRASIL: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Salas de Recursos Multifuncionais: espaços para o Atendimento Educacional Especializado**. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

DECRETO n 3.298/1999. Disponível em www.81.dataprev.gov.br/sislex/paginas/23/1999/3298.htm.

JOHNSON, Roxanna. **Guia dos símbolos de Comunicação Pictórica**. Porto Alegre: Clik, 1998.

PROFESSOR EFETIVO-RESUMOS: <http://www.professorefetivo.com.br/index.html> acessado em 12/Mar./2013 Hora 10:10.

FONSECA.Vitor, **da-educação especial artes médicas**, 1987, Porto Alegre.